



## O CONFINAMENTO DA ECONOMIA DO CONHECIMENTO E TRÊS DIRETRIZES NA OBRA DE ROBERTO MANGABEIRA UNGER

*THE INSULATION OF THE KNOWLEDGE ECONOMY AND THREE GUIDELINES  
IN THE WORK OF ROBERTO MANGABEIRA UNGER*

Matheus da Silva Pitameia<sup>1</sup>

Palavras-chaves: Capital; Conhecimento; Economia; Trabalho; Unger.  
Key Words: Capital; Knowledge; Economy; Labour; Unger.

### INTRODUÇÃO

A economia do conhecimento, atualmente, a forma mais avançada de produção, surgiu na esteira dos avanços tecnológicos e de informação do período pós-guerra, e estendeu-se em escala global, mormente em países desenvolvidos.

Forma mais atual de produção – caracterizada pelo emprego de tecnologia de precisão de maneira inovadora em determinados setores, pelo uso intensivo de conhecimento e pelo transporte deste conhecimento para a máquina, através do uso do algoritmo – essa forma de economia tem permanecido confinada a setores bem determinados, embora parte de suas características “escoem” a outros setores de produção, ainda que de maneira demasiado insatisfatória, como argumenta Unger (2018). Qual será, destarte, a consequência da economia do conhecimento permanecer confinada? E qual a solução a esse problema? É o que se pretende discutir no presente trabalho. Sendo essa a prática mais avançada e atual de produção, merece atenção e estudo especiais, uma vez que ela é a forma de economia atual que mais nos pode revelar a respeito das possibilidades econômicas futuras.

### METODOLOGIA

O presente trabalho desenvolve-se da análise da literatura especializada no tema, ou seja, pesquisa bibliográfica em um viés comparativo e dialético, buscando satisfazer os questionamentos aqui presentes a partir das lições dos autores de referência na área do conhecimento e no assunto específico aqui abordado.

---

<sup>1</sup> Bacharel, Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP),  
matheuspitameia\_direito@outlook.com



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sem definir, pelo menos de maneira longínqua, no que consiste ou o que caracteriza especificamente a chamada economia do conhecimento, não se pode passar aos seus desdobramentos econômicos e sociais na esfera do real.

Como leciona Smith (2002, tradução nossa), a economia do conhecimento tem sido concebida mais comumente a partir de quatro pontos de vista diferentes. A primeira abordagem tenta destacar quantitativa e qualitativamente a importância do conhecimento, hoje, em relação aos modelos anteriores. Peter Drucker (*apud* Smith, 2002, tradução nossa) vê o conhecimento erigir-se como o fator excelso e determinante nos novos modelos de produção, por exemplo.

Em segundo lugar, há a visão de que, atualmente, o conhecimento é um produto em si, que pode ser vendido tanto por tanto, literalmente com a “troca” de produtos de conhecimento.

Uma terceira visão destaca o “conhecimento codificado”, em oposição ao conhecimento do agente humano que opera a produção, ou seja, o uso do algoritmo, definido pela ciência da computação.

E, finalmente, uma quarta abordagem salienta que a economia do conhecimento reside no investimento maciço em Tecnologia da Informação e comunicação.

O autor citado, no entanto, reputa insuficiência a todas essas visões, demasiado laterais, segundo ele, a respeito da economia do conhecimento, embora reconheça que cada um desses modelos ocupe uma fatia do todo no processo produtivo no presente. E conclui que o essas características descritas não estão confinadas, mas espalhadas ao redor do globo em setores diversos da economia.

Unger (2018), no mesmo esforço conceitual, esclarece que atribuir à economia do conhecimento somente a sua característica mais superficial – a indústria de alta tecnologia – é um equívoco. E argumenta que as características da prática atual mais avançada são as seguintes: em um primeiro olhar, consiste na acumulação de capital, tecnologia, conhecimento tecnológico, recursos humanos especializados em ciência e robótica, entre outros elementos, aplicados ao processo de produção. Em uma segunda visão, de olhar mais profundo, a economia do conhecimento é caracterizada por uma centralização do conhecimento na economia: produtos popularizados nas últimas décadas parecem ser a materialização de







um modelo de produção altamente futurístico, tecnológico, acelerado e fundado no conhecimento aplicado de mecânica, robótica e engenharia e outros modelos quase multisseculares, de produção caseira sob encomenda – mas diz respeito ao futuro: o que se pode esperar e como os Estados devem se organizar, em matéria de políticas públicas, para receber a expansão inevitável desse modelo sem criar mais abismos de desigualdade. Mas a ideia de Economia do Conhecimento parece, ainda, trazer um significado oculto: à medida em que o conhecimento toma o centro da prática econômica e laboral, dois aspectos peculiares somente às pessoas, dentre as espécies de vida na terra, recrudescem: a alma e a razão.

## REFERÊNCIAS

POWEL, Walter; SNELLMAN, Kaisa. **The Knowledge Economy**. Annu. Rev.Socio. Stanford, California. Vol.30: 199-220. February, 2004.

SMITH, Keith. What is the 'knowledge economy'? Knowledge Intensity and Distributed Knowledge Bases. **The United Nations University**, 2002, Discussion Paper Series, Maasticht, 2002.

UNGER, Roberto Mangabeira. **A Economia do Conhecimento**. Tradução por Leonardo Castro. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2018.